

CARANGUEJOS COM CÉREBRO: NEGOCIAÇÕES IDENTITÁRIAS NO MOVIMENTO MANGUE BEAT

José Henrique de Freitas Santos*

...a música popular no Brasil é uma espécie de habitat, algo que completa o lugar de morar, o lugar de trabalhar.¹

A música é um importante produto cultural pela sua capacidade de (re)produção e (re)articulação de imagens circulantes no *imaginário coletivo*, bem como pelo seu vasto poder de alcance popular, principalmente nos dias atuais, através dos veículos massmediáticos. A exploração desta força possibilitou no final da década de 60 o surgimento do Tropicalismo que através de jovens transformados em figuras quase míticas da cena *pop* mobilizaram multidões em torno de suas imagens. Silviano Santiago em *Democratização no Brasil* ponderou sobre a influência da mídia e da MPB num período mais recente:

...ao acatarem a televisão e a música popular, com suas regras discutíveis e eficientes de popularização dos ideais democráticos, conseguiram motivar os desmotivados estudantes, também desmemoriados, a irem para as ruas e lutar a favor do *impeachment* do presidente Collor.

Em 1994 o lançamento do Cd *Da lama ao caos*² (da banda *Chico Science & Nação Zumbi*), constituiu um dos marcos da música (e da cultura) popular brasileira contemporânea, por, além de “institucionalizar” o início do Movimento Manguê Beat, proporcionar a ruptura de um *status quo* vigente na MPB por aproximadamente duas décadas. O amálgama sonoro proposto pelos *mangueboys* (autodenominação dos integrantes e simpatizantes do Movimento Manguê Beat) juntando ciranda, maracatu, rock, dentre outros ritmos e principalmente a multiplicidade

* Aluno do Mestrado em Teorias e Crítica da Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia.

¹ SANTIAGO, Silviano. *Democratização no Brasil 1979-1981 (Cultura versus arte)*. In: ANTELO, Raul; CAMARGO, Maria Lúcia de Barros; ANDRADE, Ana Luíza & ALMEIDA, Tereza Virgínia de. *Declínio da arte e ascensão da cultura*. Florianópolis: Letras Contemporâneas/ABRALIC, 1998. p.11-23.

² CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI. *Da lama ao caos*. [s.l.]:Chaos, p1994. 1CD (ca 48min).

discursiva presente nas letras deste primeiro trabalho, no qual nitidamente há uma busca de estratégias (re)constitutivas de um *ego dilacerado* na metrópole pernambucana, evidenciam a riqueza de possibilidades existentes em sua música. Assim, devido a importância deste álbum para o Movimento Mangue Beat, ele constituirá o corpus básico das argumentações a serem desenvolvidas neste breve trabalho.

Nascido de família classe média baixa, Francisco França, que viria a tornar-se Chico Science, integrante da *Chico Science & Nação Zumbie* e Fred Zero Quatro, jornalista, integrante da *Mundo Livre S/A*, foram os mentores intelectuais deste *projeto* que ultrapassou as fronteiras da capital pernambucana e influenciou uma série de pessoas tanto no âmbito musical como comportamental.

Science definiu o Mangue Beat como *uma redescoberta, uma releitura de ritmos regionais, de conceitos, idéias, elementos pops brasileiros, tentando universalizar tudo, com o intuito de mostrar e criar uma cena para o mundo, conectar o Brasil com o cenário pop mundial*³.

A conquista e o reconhecimento da grande mídia demorou um certo tempo, contudo esta terminou dobrando-se para negociar com este *fenômeno musical alternativo* de Recife, que não tocava nas FM, subsistia sem apoio de grandes corporações e movimentava mesmo assim um público cada vez mais crescente.

Essa cena musical recifense propôs-se inicialmente a resgatar e conjugar diversos ritmos, fazendo experimentos na sonoridade pop, mas extrapolou os limites dessa intenção primeira ao explorar sua potencialidade discursiva e trazer para o âmbito cultural propostas para a leitura de uma identidade regional plural/híbrida, tornando-se assim interessante objeto para investigação neste trabalho.

³ BRASILIAN MUSIC UP TO DATE. Entrevista com Chico Science Disponível em: <<http://www.uol.com.br/uptodate/up3/interind.htm>>. Acesso em 20 ago. 2000.

São demônios os que destroem o poder bravo da humanidade / Viva a Zapata! / Viva a Sandino! / Viva a Zumbi! / Antônio Conselheiro / Todos os Panteras Negras / Lampião / sua imagem e semelhança / Eu tenho certeza eles também cantaram um dia.

Côncio da força da música popular, ampliada pela *teia midiática contemporânea*⁴, Chico Science neste excerto de *Monólogo ao pé do ouvido* que abre o álbum *Da lama ao caos*, após evocar figuras revolucionárias do cenário mundial, insinua que estas pessoas influentes, mesmo mobilizando um grande público em torno de suas idéias, também não escaparam ao poder da música. Ele marca por meio desta afirmação, o espaço estratégico no qual inscreve-se enquanto cantor/compositor para emitir seu discurso.

O Movimento Mangue surge no início dos anos 90 impulsionado por esta força consciente de Francisco França e também de Fred Zero Quatro num ambiente extremamente caótico no qual pretende-se inicialmente movimentar a estagnada cena cultural pernambucana mobilizando indivíduos para ocasionar mudanças pois: Recife vive índices absurdos de desemprego, a auto-estima populacional anda “em baixa” e a perspectiva de melhoria é muito remota.

O Cd *Da lama ao caos*, produto deste período ainda incipiente, mas norteador do Mangue Beat, já sugere no título o que será denominado neste estudo de *diáspora imagística*, ou seja a migração obrigatória (num processo de desterritorialização e reterritorialização) de signos familiares aos recifenses: o mangue, o caranguejo, a lama que dotados de mácula em seu sentido tradicional transitam forçosamente deste *locus* identificado em obras, como *Homens e Caranguejos*⁵ de Josué de Castro, para a Recife contemporânea (rebatizada pelos *mangueboys* de *Manguetown*), onde serão ressignificados.

Além das tradicionais letras de músicas e algumas imagens que convencionalmente aparecem impressas no álbum, este Cd traz algumas peculiaridades como a inclusão de uma breve epístola, uma história em quadrinhos e um Manifesto intitulado *Caranguejos com cérebro*

⁴ Disseminação de idéias e informações que vão do *boca-a-boca* às *massmedia*.

⁵ CASTRO, Josué de. *Homens e Caranguejos*. São Paulo: Brasiliense S. A., 1967.

em seu encarte. O elo entre as três linguagens é a apresentação do “novo” de forma impactante na capital de Pernambuco: a carta encena a conversa de uma pessoa com uma amiga na qual a primeira fala das transformações sofridas por Recife e por alguns indivíduos, inclusive seu pai, advertindo que “De longe a cidade parece normal, mas chegando perto...”; a história em quadrinhos intertextualiza a cena kafkiana da metamorfose de Samsa Gregor, só que aqui o indivíduo muta-se em um *homem-decápode*, e passado o momento inicial de estranhamento, ele assume sua nova configuração; por fim o manifesto corrobora a tese da intencionalidade do Movimento Manguê em modificar a cena cultural refutando com veemência a configuração artístico-cultural vigente e os agentes do real caos em que se encontra Recife, usando este objeto estético de contestação por excelência para sugerir também possíveis soluções aos problemas constatados.

Esta exploração quase obsessiva em *Da lama ao caos* dos espaços físicos que o compact disc oferece tornar-se-á uma característica estética marcante nos álbuns posteriores desta *cena cultural recifense*, fomentando a discussão identitária por meio do diálogo de linguagens diversas.

Na paisagem do rio
difícil é saber onde começa o rio;
onde a lama
começa do rio;
onde a terra
começa da lama;
onde o homem,
onde a pele
começa da lama;
onde começa o homem
naquele homem.⁶

O fragmento do poema de João Cabral de Mello Neto nos é significativo para lembrar que a formulação de discursos que perpassem a identidade cultural no contexto mencionado,

⁶ MELLO NETO, João Cabral de. *O cão sem plumas* In: _____. Poesias completas. José Olympio Editora: Rio de Janeiro, 1979.

inevitalmente devem atingir estes signos formadores da *imagem pernambucana*, citados pelo poeta e reapropriados na contemporaneidade pelos *mangueboys*. O entrecruzamento do homem-do-mangue-do-rio-do-caranguejo, associado ao olhar fixador do *Outro*, tendencioso a reduzir o que lhe é alheio, terminou por vincular estes símbolos a um estereótipo de pobreza, depreciação e miséria no imaginário regional durante muitas décadas, mas agora, *agenciados* pelo Movimento Mangue Beat, estes signos serão elementos valorativos alicerçais do “ser pernambucano” dentro da sua proposta de identidade.

Segundo Stuart Hall⁷ *a identidade é uma celebração móvel e negociada, pois o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente*. Sob esta concepção identitária do fragmentado sujeito “pós-moderno” que é não-fixa e não-permanente que os integrantes e adeptos do Movimento Mangue afirmam-se fluidos, híbridos, mais especificamente *homens-caranguejos*.

O Hibridismo, fenômeno onipresente no discurso dos *homens-decápodes*, é entendido neste trabalho a partir das considerações de Alberto Moreiras, que atualizando os estudos de Nestor Garcia Canclini (Culturas Híbridas) e Homi Bhabha (O local da cultura) sobre o assunto, o vê como uma espécie de articulação dupla que atravessa a máquina do poder/saber sinalizando a possibilidade de uma nova configuração hegemônica por meio de seu *significante vazio*, originado devido a sua indecidibilidade constitutiva, que remete o indivíduo ao não-lugar ou ao lugar (im)possível.

Assim a constante negociação de que fala Hall na percepção de uma identidade que não se pretende única, centralizadora, mas deslizante, associada ao citado conceito de hibridismo serão de extrema importância para o entendimento da proposta de um *eu cultural*, advinda do Mangue Beat, construída sobre as ruínas dos paradigmas da modernidade. Desta forma, ao promover o trânsito da lama para o caos, buscando um ambiente caótico para fazer emergir seu discurso

⁷ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*; trad.: Tomaz Tadeu da Silva, Guracira Lopes Louro. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1990.

identitário, o Movimento Mangue através de *Chico Science & Nação Zumbi* desafia a história canônica da música pop no Brasil, sem desmerecê-la, ou refutar suas influências, mas causando uma “ruptura” necessária para que tudo não seja meramente reduzido a filiações: *Cadê as notas que estavam aqui? / Não preciso delas / Basta deixar tudo soando bem aos ouvidos.*⁸

*Em que reside, então, a novidade da descoleção, da desterritorialização e da hibridez pós-modernas?*⁹

Ousando interferir no questionamento de Canclini creio que, dentre outros itens, reside na potencialidade da música popular, pois como *as práticas artísticas agora carecem de paradigmas consistentes*, segundo o próprio autor reconhece, este segmento da música pop pernambucana, por exemplo, se permite ousar além dos limites já experimentados pela Bossa Nova e pela Tropicália, para, mesmo dialogando intertextualmente com estes movimentos musicais pretéritos, basear-se fundamentalmente num eixo paradigmático ao redor de si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas*. São Paulo: Edusp, 1998.

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CASTRO, Josué de. *Homens e Caranguejos*. São Paulo: Brasiliense S. A., 1967.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

MOREIRAS, Alberto. *A exaustão da diferença – a política dos estudos culturais latino-americanos*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*, trad.: Tomaz Tadeu da Silva, Guracira Lopes Louro. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1990.

MELLO NETO, João Cabral de. *O cão sem plumas* In: _____. *Poesias completas*. José Olympio Editora: Rio de Janeiro, 1979.

SANTIAGO, Silviano. *Democratização no Brasil 1979-1981 (Cultura versus arte)*. In: ANTELO, Raul; CAMARGO, Maria Lúcia de Barros; ANDRADE, Ana Luiza & ALMEIDA,

⁸ Chico Science & Nação Zumbi. *Monólogo ao pé do ouvido* In: Da lama ao caos. Sony, 1994.

⁹ CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas*. op. cit.

Tereza Virgínia de. *Declínio da arte e ascensão da cultura*. Florianópolis: Letras Contemporâneas/ABRALIC, 1998. p.11-23.

SANTOS, José Henrique de Freitas. *Chamagnatus Granulatus Sapiens*: identidade cultural nos quadrinhos do CD “Da lama ao caos” de CSNZ. Salvador, 2001. Monografia final da disciplina Literatura Brasileira XII, ano 2001 (não-publicada).

SANTOS, José Henrique de Freitas. *Ecos da lama: uma proposta identitária*. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA, 7; resumos. Salvador: EDUFBA, 2000. p.83.

SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999.

TELES, Gilberto Mendonça. *Do frevo ao Manguebeat* São Paulo: 34, 2000.

TINHORÃO, José Ramos. *História Social da Música Popular Brasileira*. São Paulo: 34, 1998.

TINHORÃO, José Ramos. *Música Popular: um tema em debate*. São Paulo: 34, 1997.

REFERÊNCIAS FONOGRAFICAS:

CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI. *Da lama ao caos*. [s.l.]:Chaos, p1994. 1CD (ca 48min).

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS:

BRASILIAN MUSIC UP TO DATE. Entrevista com Chico Science Disponível em: <<http://www.uol.com.br/uptodate/up3/interind.htm>>. Acesso em 20 ago. 2000.